

As velas

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Havia uma grande vela de cera, e ela sabia muito bem o que era.

— Nasci de cera e fui feita em molde! — dizia. — Ilumino melhor e queimo por mais tempo que as outras velas; meu lugar é num lustre ou num castiçal de prata!

— Deve ser uma existência maravilhosa! — disse a vela de sebo. — Sou apenas de sebo, apenas uma vela feita por mergulhos, mas me consolo pensando que isso ainda é um pouco mais que ser uma velinha fina: ela só é mergulhada duas vezes, enquanto eu fui mergulhada oito vezes para alcançar minha respeitável grossura. Estou satisfeita! Sem dúvida é uma condição mais distinta e feliz nascer de cera, e não de sebo; mas ninguém escolhe sua posição neste mundo. A senhora vai para o salão, num lustre de vidro; eu fico na cozinha, mas também é um bom lugar, é de lá que vem a comida da casa inteira!

— Mas há uma coisa mais importante que a comida! — disse a vela de cera. — A vida em sociedade! Vê-la brilhar e brilhar também! Haverá um baile aqui esta noite; logo virão buscar a mim e à minha família inteira!

Mal tinha dito isso, vieram buscar todas as velas de cera, mas a vela de sebo também foi levada. A própria dona da casa a pegou com sua mão delicada e a levou para a cozinha. Ali estava um menininho com uma cesta, que foi cheia de batatas; também puseram algumas maçãs. A bondosa senhora deu tudo aquilo ao menino pobre.

— Aqui está também uma vela, meu amiguinho! — disse ela. — Sua mãe fica trabalhando até tarde da noite; vai lhe servir!

A filhinha da casa estava bem perto e, ao ouvir as palavras “até tarde da noite”, disse, com uma alegria profunda:

— Eu também vou ficar acordada até tarde da noite! Vamos ter um baile, e vou usar os grandes laços vermelhos!

Como seu rosto brilhava! Era alegria! Nenhuma vela de cera pode brilhar como dois olhos de criança!

“É uma bênção ver isso!”, pensou a vela de sebo. “Nunca vou esquecer, e decerto nunca mais verei uma coisa assim!”

Então a colocaram na cesta, debaixo da tampa, e o menino foi embora com ela.

“Para onde vou agora?”, pensou a vela. “Vou para a casa de gente pobre, talvez nem tenha um castiçal de latão, enquanto a vela de cera fica na prata e vê as pessoas mais distintas. Como deve ser maravilhoso iluminar as pessoas mais distintas! Mas meu destino foi ser de sebo, e não de cera!”

E a vela chegou à casa de gente pobre: uma viúva com três filhos, num quartinho baixo bem em frente à casa rica.

— Deus abençoe a bondosa senhora pelo que nos deu! — disse a mãe. — É uma vela tão bonita! Vai poder queimar até tarde da noite.

E a vela foi acesa.

— Puf! Que nojo! — disse ela. — Que fósforo de enxofre malcheiroso usou para me acender! Decerto não fazem uma coisa dessas com uma vela de cera lá na casa rica!

Lá também acendiam as velas; sua luz se espalhava pela rua. As carruagens passavam ruidosamente, trazendo os convidados enfeitados para o baile; a música soava.

“Agora estão começando lá!”, percebeu a vela de sebo, pensando no rosto radiante da menininha rica, mais radiante que todas as velas de cera. “Nunca mais verei aquilo!”

Então chegou a menor das crianças da casa pobre, uma menininha. Abraçou o irmão e a irmã pelo pescoço; tinha algo muito importante para contar, que precisava ser sussurrado:

— Esta noite vamos... imagine! Esta noite vamos comer batatas quentes!

E seu rosto irradiava felicidade; a vela o iluminava em cheio e via uma alegria, uma felicidade tão grande quanto lá na casa rica, onde a menininha dissera: “Vamos ter um baile esta noite, e vou usar os grandes laços vermelhos!”

“Comer batatas quentes vale tanto assim?”, pensou a vela. “A alegria das crianças aqui é tão grande quanto lá!”

Então espirrou; quer dizer, crepitou, pois uma vela de sebo não pode fazer mais que isso.

Puseram a mesa e comeram as batatas. Ah, que gostosas! Foi um verdadeiro banquete; depois, cada um recebeu uma maçã, e a menor das crianças recitou o versinho:

*Meu bom Deus, eu te agradeço
por teres me saciado outra vez!*

Amém.

— Não foi bonito o que eu disse, mamãe? — exclamou a pequena.

— Isso você não deve perguntar nem dizer! — respondeu a mãe. — Deve pensar somente no bom Deus, que a saciou!

As crianças foram para a cama, receberam um beijo e adormeceram logo; a mãe ficou costurando até tarde da noite para ganhar o sustento delas e o seu. Da casa rica, do outro lado, brilhavam as velas e vinha o som da música. As estrelas cintilavam sobre todas as casas, sobre as dos ricos e as dos pobres, igualmente claras, igualmente abençoadas.

“No fundo, foi uma noite agradável!”, pensou a vela de sebo. “Será que as velas de cera passaram melhor em seus castiçais de prata? Gostaria de saber antes de me consumir!”

E pensou nas duas meninas igualmente felizes: uma iluminada por velas de cera, a outra por uma vela de sebo!

Sim, essa é a história inteira!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/as-velas>